

ATRIBUTOS DA ARQUITETURA MODERNA: REFLEXÕES SOBRE AUTENTICIDADE E PRESERVAÇÃO

FEIBER, Silmara Dias¹
FEIBER, Fúlvio N.²

RESUMO

Ao reconhecer o papel social do arquiteto enquanto agente promotor das ações de preservação e salvaguarda de bens culturais busca-se neste artigo levantar a discussão sobre os desafios desta preservação e o limite das intervenções diante das obras modernas brutalistas. A compreensão destas obras e suas características perpassam dimensões técnicas e materiais, porém vão além de sua simples materialidade. Seus atributos – cor e textura – os quais queremos destacar são fruto de materializações filosóficas fato que impede sua total compreensão numa simples análise visual. Estes bens constituem parte da memória na formação da sociedade brasileira e contribuem, portanto na identificação de lugares. Sendo assim, necessitam ter sua autenticidade preservada visando propagar seus valores às gerações futuras em respeito à cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Preservação, Autenticidade, Arquitetura Brutalista, Movimento Moderno.

ATTRIBUTES OF MODERN ARCHITECTURE: REFLECTIONS ON AUTHENTICITY AND PRESERVATION ABSTRACT

By recognizing the social role of the architect as agent of preservation actions and safeguarding of cultural property search to this article on the discussion of the challenges of this preservation and limit intervention in the face of modern brutalist works. The understanding of these works and their characteristics pervade technical dimensions and materials, but beyond their mere materiality. His attributes - color and texture - which we want to highlight are the result of philosophical materializations fact that prevents their full understanding of a simple visual analysis. These goods are part of memory formation in Brazilian society and contribute therefore to identify places. Therefore, they need to have preserved its authenticity aiming propagate their values to future generations in respect to citizenship.

KEYWORDS: Conservation, Authenticity, Brutalist architecture, Modern Movement.

INTRODUÇÃO

Ao reconhecer o papel social do arquiteto enquanto agente promotor das ações de preservação e salvaguarda de bens culturais busca-se neste artigo levantar a discussão sobre os desafios desta preservação e o limite das intervenções, diante das obras modernas brutalistas, visando perpetuar sua autenticidade. Este desafio conforme Moreira (2010) vai além das dimensões técnicas e materiais das obras arquitetônicas, pois os atributos que aqui se quer destacar são fruto de materializações filosóficas o que impedem sua compreensão numa simples análise visual. O resgate da raiz do movimento moderno traz esta fundamentação e justifica a busca por posturas sadias no âmbito da intervenção em bem cultural. Estes bens constituem parte da memória na formação da sociedade brasileira e contribuem assim na identificação dos lugares, pois a paisagem construída é a representatividade de códigos sociais aliados às características físicas e ambientais do local que definem – dão forma – às expressões arquitetônicas. Dentro deste contexto insere-se a questão sobre qual o limite das intervenções para que estas não desarticulem os valores autênticos das obras os quais lhe conferem o caráter de bens patrimoniais.

Neste processo de construção do ambiente urbano acaba-se por agregar valores particulares ao patrimônio, seja ele da ordem material ou imaterial. No caso desta pesquisa que intenta investigar a produção arquitetônica advinda do Movimento Moderno brasileiro, em especial a de viés brutalista, o enfoque que se deseja é o de resgatar seus principais atributos que proporcionam à sua imagem o caráter de ícone identitário. Neste intuito a ênfase é dada pelos elementos Cor e Textura características de seu material e técnica: o concreto armado, pois se sabe que as primeiras características a serem reveladas pelas paisagens urbanas são vinculadas aos seus aspectos visuais. Sendo assim, entende-se que os atributos cor e textura aplicados à forma plástica modernista possuem significativa relevância para o universo da preservação por estarem vinculados a autenticidade dos bens patrimoniais advindos do movimento moderno. Porém, embora se acredite na importância destas obras como agentes fixadores de processos identitários o desafio encontrado é o de compreender o motivo de más posturas diante de algumas intervenções contemporâneas. Entende-se que estas ações não criteriosas são as responsáveis por excluir justamente os detalhes autênticos e característicos da obra, fato que instiga questionamentos sobre a atual conduta nas ações de intervenção em bem patrimonial que passam a descaracterizar as obras brutalistas com a inserção de material de revestimento como a exemplo das tintas, pastilhas, alumínio composto, brises e demais materiais que passam a cobrir a textura original das formas de concreto.

No caso específico da inserção de camadas de tinta a permissividade de se agregar “cor” a uma obra brutalista possui sua problemática vinculada à própria raiz do Movimento Moderno. Segundo Brandão (em Martins 2008, p. 09,10), o pensamento do mundo industrial no início do século XX transitou entre a lógica, a técnica e a arte e acabou por direcionar o uso das retas perpendiculares, dos planos retangulares e das cores primárias numa nova ordem visual. Assim, a vinculação de uma expressão brutalista – que declara a verdade dos materiais – como um braço do Movimento

¹ Prof.^a Doutora dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo – CAUFAG e Design de Interiores – Dom Bosco. E-mail: silmaradias@fag.edu.br

² Prof. Doutor dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo – CAUFAG e Design de Interiores – Dom Bosco. E-mail: fulvio@fag.edu.br

Moderno brasileiro torna complexa a ação de preservação de sua autenticidade justamente por valorizar, além das formas puras, a cor e textura característica da técnica do concreto armado. Portanto, acredita-se ser necessário um olhar mais apurado perante estas obras, pois a falta de critérios pautados no conhecimento do objeto acarreta a perda, muitas vezes definitiva, da autenticidade do brutalismo brasileiro.

Após esta breve explanação se pretende desenvolver este artigo dentro da temática da arquitetura moderna como referencial identitário brasileiro devido aos seus valores intrínsecos destacando entre eles os já citados atributos Cor e Textura como padrões marcantes de sua autenticidade e que merecem um olhar mais atento nas ações de preservação e restauro. Conforme traz Moreira (2010) os desafios da preservação destas obras perpassam questões que vão desde a falta de uma cultura de manutenção adequada até a dificuldade em reconhecer estas obras como patrimônios culturais aceitando sua pátina do tempo enquanto valor agregado. Este olhar mais apurado diante das práticas de intervenção na arquitetura moderna brutalista é investigado por meio de estudos de caso de obras que receberam intervenções não criteriosas e acabaram por descaracterizar a imagem de ícones arquitetônicos do movimento modernista brasileiro.

1. ARQUITETURA MODERNA E O ATRIBUTO DA COR

Para se compreender a presença da Cor e Textura nas obras de viés modernista e realizarmos a reflexão sobre a camuflagem imposta por ações de má intervenção contemporâneas, em especial nas obras brutalistas, necessitamos resgatar a raiz deste movimento em seu âmbito mundial. Para isto investigamos o papel do movimento artístico criado no início do século XX denominado de Neoplasticismo Holandês que foi originado pelo pensamento do artista plástico Piet Mondrian. Este artista revelou uma nova ordem geral dentro das composições artísticas que primou por revelar a nova face do homem moderno impressa nas artes visuais, dentre elas a arquitetura. Para Mondrian este homem moderno anseia pela harmonia das formas puras e das relações equilibradas e universais, pois a era da máquina aproximou nações e indivíduos os tornando seres cosmopolitas. Neste contexto a nova expressão artística deveria primar pela essência, pela abstração, pois este processo seria a única forma de reconciliar o espírito e a natureza, o real e o simbólico dentro da complexidade e dinamicidade do novo ambiente urbano que se apresentava. Em seus escritos Mondrian (MARTINS, 2008, p.154) descreve uma nova ordem estética surgida em meio às mudanças sociais, espaciais e culturais onde a beleza plástica pura só seria atingida dentro relações e parâmetros equilibrados expressados em meio a planos, linhas ortogonais e cores primárias. O autor destaca a decadência da arquitetura a qual deveria retomar seu papel dentro da arte aliando-se aos aspectos da técnica construtiva de onde surgiria uma nova beleza. Esta nova forma de expressão traria em sua essência o uso da cor, não como simples acessório, mas como essência de sua expressão.

O apelo formal então seria dado pela estruturação da essência das linhas e planos que organizam a obra. E a estes elementos foi agregada a proposta de uso da “cor primária” como reflexo de uma depuração, de uma redução à sua essência. Ao se encerrar estas cores em planos bem definidos como os propostos nas telas de Mondrian ou os presentes nas formas da Casa Schröder proposta por Rietveld em 1924 (Figura 1) estes passam a compor o espaço de forma racional seja ele pictórico ou arquitetônico.

Figura 1: Casa Schröder, 1924 – Gerrit Rietveld



Fonte: <http://coisasdaarquitectura.wordpress.com>

No caso brasileiro a pureza das formas ortogonais destacadas de modo especial pela produção da chamada escola paulista (classificação meramente didática posto que ambas as escolas paulista e carioca fazem parte da grande produção da arquitetura modernista brasileira) aliou-se também o uso da cor. Esta esteve presente de forma destacada nas obras de Vilanova Artigas, arquiteto renomado e um dos propagadores do brutalismo brasileiro o qual fez uso por vezes da paleta cromática em suas obras. Um exemplo desta inserção pode-se contemplar na obra da Casa Baeta, 1956 (Figuras 2 e 3) e no Ginásio de Guarulhos, 1961 (Figura 4). No caso da Casa Baeta o uso do azul ciano, o vermelho magenta e o amarelo passam a cumprir a função de organizar visualmente a setorização interna do espaço da residência.

Figuras 2 e 3: Exterior e interior da Casa Baeta, 1956 de Vilanova Artigas



Fonte: <http://www.spbr.arq.br/projetos/baeta/baeta.htm>

Figura 4: Ginásio de Guarulhos, 1961 de Vilanova Artigas



Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.079/285>

Sendo assim, percebe-se que a cor de forma pura foi adotada em meio a uma proposta filosófica de organizar, definir, declarar a nova ordem social advinda do pensamento do homem moderno materializada nas obras de arte e arquitetura. Neste sentido é que se ressalta o verdadeiro valor dos atributos enquanto produtos de uma forma de pensar, de uma intenção que vai além da mera aplicação de uma camada de tinta. Neste caso existe uma proposta real/intencional do uso da cor que deve ser levada em conta nas ações de intervenção, pois elas partem de um viés subjetivo, porém expressam um caráter autêntico ao patrimônio. Em contraponto veremos a seguir a arquitetura modernista brutalista, a qual define como principal forma de expressão a verdade dos materiais. Esta pureza de expressão expõe o concreto bruto aparente destacando-o em formas cartesianas como elemento fundamental da sua proposta ideológica.

2. BRUTALISMO: A COR E TEXTURA DO CONCRETO

Na prática projetual moderna brasileira, como visto por meio das obras de Vilanova Artigas, o uso do atributo – cor – foi divulgado e plenamente aceito pela população brasileira que já possui este fator vinculado a sua cultura no âmbito das obras de arquitetura. Nosso legado arquitetônico traz consigo este apelo visual, destacadamente nos casarios coloniais, nas obras neoclássicas e ecléticas onde o uso de uma superfície de fundo colorida passou a destacar seus elementos ornamentais.

Assim, embora as obras modernas mostradas anteriormente sejam bons exemplos de conservação este fato do uso da cor no moderno brasileiro traz uma problemática diante das ações de intervenção em bens de cunho modernista brutalista. Este viés, ou braço da arquitetura moderna apresenta em sua fundamentação o uso do concreto numa expressão bruta e aparente aos moldes do edifício de arquitetura da Universidade de São Paulo – FAUSP – projetado pelo já citado Vilanova Artigas. A marca das formas de madeira em suas platibandas expressa o sistema construtivo e deixam à mostra esta etapa da construção como um testemunho do trabalho humano. E é justamente esta marca de autenticidade que corre risco de alteração nas intervenções contemporâneas e configura um dos objetivos deste artigo, o qual busca alertar para o risco de descaracterização das obras brutalistas, afinal estas obras são marcos referenciais

urbanos justamente devido à sua linguagem arquitetural que deixa à mostra seus atributos modernos e que contribuem para a permanência do Lugar.

A disseminação dos valores destas obras torna-se imprescindível pelo fato do grande número de obras que são reféns de más intervenções, de descaracterizações e até mesmo do caso extremo de demolições que resultam na exclusão muitas vezes de ícones arquitetônicos regionais do cenário urbano. Luiz Amorim (2007) em seu livro intitulado *Obtuário arquitetônico: Pernambuco modernista* registra com grande sensibilidade as diversas obras modernistas da cidade de Recife/PE que são exemplos claros da falta de valor agregado a este produto cultural. Em seu trabalho o autor classifica “as mortes e seus óbitos” os quais ilustram de forma clara os riscos aos quais as obras de cunho moderno estão sujeitas atualmente pelo fato do poder público, dos especuladores imobiliários, a sociedade em geral, e em particular grande parte dos profissionais da área, não compreenderem a verdadeira essência modernista materializada nestes objetos urbanos.

Na classificação de Amorim (2007, p. 41) a “Morte por Vaidade” revela exatamente a questão das más intervenções que de forma muitas vezes agressiva acabam por descaracterizar a imagem original da obra. Para o autor a arquitetura trata de identidades construídas por meio de sua organização espacial responsável por definir comportamentos humanos e também, destacadamente, por sua face externa que marca a paisagem por meio de seus atributos advindos de seus elementos e materiais aplicados. É a partir destes atributos que paisagens são reconhecidas e, na visão do autor, a supressão de qualquer um de seus elementos comprometerá de forma definitiva sua identidade. Este fato segundo o autor decorre da necessidade atual de personalizar a obra sem o compromisso de restaurar ou manter suas características originais. Surge neste contexto atual o termo “customização” como pressuposto de uma inserção no mundo global. Porém, cabe aos profissionais da área da arquitetura e da preservação de patrimônios culturais alertarem para o fato de que estas más condutas levarão à “morte” nossa herança cultural tão bem expressa no momento de sua criação e materialização dos anseios modernistas.

Em São Paulo a intervenção já depurada e aceita pela população, acadêmica ou não, da obra do Museu de Arte de São Paulo – MASP da arquiteta italiana, radicada brasileira, Lina Bo Bardi foi objeto da inserção da cor em sua estrutura originalmente de um concreto brutalista erigido pela técnica do concreto armado característico das obras paulistas (Figuras 5 e 6).

Figura 5 e 6: Obra e Museu de Arte de São Paulo – Lina Bo Bardi



Fonte: <http://teoriacritical3ufu.files.wordpress.com/2010/12/masp-perto1.jpg>

Exemplos como estes, que parecem inspirados na teoria de intervenção proposta por Viollet Le Duc, são constantes em todo território nacional o que traz uma preocupação diante do campo da preservação e salvaguarda da autenticidade de bens culturais. A teoria de Le Duc embora traga posturas positivas como o estudo e caracterização do objeto, destacadamente no detalhamento da investigação de seus aspectos estruturais, possui o caráter de sua postura estar voltada a uma ação incisivamente intervencionista priorizando o valor da intervenção em si em detrimento do valor autêntico da obra. Exemplos desta situação permeiam grande parte de nossas cidades sejam elas metrópoles ou mesmo cidades médias do interior do país. As imagens que seguem retratam obras do acervo da década de 1960 da cidade de Cascavel/PR localizada no extremo oeste do estado teve seu desenho urbano e obras arquitetônicas inspirados nos modelos modernistas brutalistas advindos da atuação de arquitetos da capital (Figuras 7 e 8). Nas imagens percebe-se a correlação ao processo ocorrido no exemplo do MASP de Lina Bo Bardi.

Figura 7 e 8: Obra do antigo Paço Municipal atual Biblioteca Pública – Arquiteto Nilson Gomes Vieira



Fonte: <http://museudearte.nafoto.net>

A falta de um cuidado maior com a expressão original do objeto, a qual deverá se perpetuar, traz a preocupação novamente direcionada ao campo da autenticidade das formas e materiais da obra que alimentarão os aspectos simbólicos de laços de identidade entre os indivíduos e o patrimônio. Como dito anteriormente as obras modernas ainda necessitam sedimentar seus valores perante a sociedade e muitas delas têm sido vítimas mesmo antes de serem reconhecidas. É necessário que se alerte, portanto para uma ação preventiva que possa assegurar a permanência destas obras e de suas características autênticas visando a propagação da história local numa dimensão não só física, mas também simbolicamente construída.

3. OS LIMITES ENTRE INTERVENÇÃO E PRESERVAÇÃO

Quais seriam os limites entre intervenção e preservação na busca pela permanência da autenticidade do patrimônio arquitetônico? Ao se tentar responder este questionamento e sanar a preocupação com as questões de preservação da autenticidade de bens culturais surgem algumas orientações no sentido de minimizar a angústia dos agentes engajados ao campo da preservação de bens culturais fundamentada em ações éticas. Com o intuito de uniformizar discursos, definir conceitos e direcionar ações as denominadas cartas patrimoniais colaboram na conscientização e definição de condutas no âmbito das intervenções em bens de caráter patrimonial. Portanto, visando construir um elenco de ações, posturas e condutas nos remetemos dois documentos específicos que buscam ampliar a noção de autenticidade: a Conferência de Nara ocorrida em 1994 no Japão, que tinha como foco a autenticidade do patrimônio cultural mundial e a Carta de Brasília de 1995 denominada de Documento Regional do Cone Sul sobre a autenticidade dos patrimônios latino-americanos. Estas duas esferas, global e local, trazem a discussão sobre os aspectos autênticos do patrimônio e a necessidade de se compreender estes aspectos visando a propagação da história contida de forma material e imaterial nas obras arquitetônicas. A Conferência de Nara teve como premissa identificar o conceito de patrimônio cultural e o seu papel no mundo contemporâneo. Quando se busca considerar o valor da autenticidade nas ações práticas de intervenção em bem cultural é como alimentar a memória coletiva da sociedade. Segundo o documento o respeito às características particulares do patrimônio, sua autenticidade, é requisito básico a atribuição de valores. Sendo assim, quando se pretende agregar valor às obras de cunho modernista brutalista, ao contrário de muitas das intervenções já ocorridas, deve-se adotar a postura da mínima intervenção possível, ou seja, atuar de forma a manter a integridade dos aspectos plástico-formais bem como os materiais aparentes visando deixar à mostra a unidade visual da obra característica da verdade dos materiais.

No caso da Carta de Brasília as diretrizes propostas surgem da particularidade de nossa formação enquanto fruto da diversidade cultural. Nossas expressões arquitetônicas são a marca da identidade e da diferença. No âmbito de nossa diversidade de heranças culturais o processo de valorização de bens culturais tende a enaltecer alguns em detrimento de outros. Ao relacionar esta característica dos povos latino-americanos, em especial os do cone sul, podemos talvez compreender a definição ou indefinição de valores diante da expressão modernista brutalista. A construção de espaço urbano que justapõe expressões de diversos períodos gera uma ambiguidade de relações e interpretações nas quais, muitas vezes, os indivíduos passam a agregar valores também de forma diversa. A cultura europeia de períodos como o neoclássico e eclético ainda possuem uma força significativa nos processos identitários. Porém, embora este fato gere uma crise de valores deve-se primar pelo respeito à diversidade. Esta diversidade é que nos faz pertencer ao nosso mundo, nos identificamos com a pluralidade quando a percebemos autêntica. E é esta verdade que deve nos guiar na busca pela identificação dos argumentos aos quais a arquitetura brutalista, foco deste artigo, está vinculada e que fará dela um bem autêntico momento em que haverá a fusão entre o objeto material e seu significado.

O encaminhamento que surge a partir das diretrizes destes documentos perpassa a questão do conhecimento do bem. O fato de muitas obras estarem em risco de descaracterização nos deixa vulneráveis, pois o fato é que muitas delas ainda não foram reconhecidas como patrimônio. Neste sentido o risco que se corre é o de não chegar a definir valores a

estes bens e acabar por perdê-los antes mesmo da sociedade compreender e assimilar seus valores enquanto herança cultural. Portanto, é necessária uma urgência em se organizar políticas efetivas de salvaguarda e preservação da arquitetura modernista brutalista.

Outro fator relevante é que o reuso destas edificações como uma ação natural de readaptar estas obras funcionalmente não deve dar margem para descaracterizações de seus elementos autênticos. Sabe-se que a intenção destas obras visando o reuso da edificação é uma forma sadia de inserir estes patrimônios e dotá-los de novas infraestruturas que garantam sua permanência no cenário urbano. Consideramos esta postura sadia pelo próprio fato de entendermos que estas obras podem ainda servir às demandas contemporâneas se trabalhadas por meio de condutas éticas de respeito à sua história e seus significados advindos de um passado recente. As posturas diante das intervenções em obras modernistas brutalistas não necessitam de novas teorias, novas formas de pensar a conservação, ela se enquadra na dimensão da conservação e restauro de bens culturais da mesma forma que obras advindas de outros momentos históricos. Porém, ressalta-se sua problemática encontra-se justamente na falta de uma visão crítica que possa compreender estes patrimônios como agentes responsáveis por firmar os laços de identidade entre os indivíduos e seu lugar. Acredita-se que esta visão crítica se inicia pela compreensão dos principais fatores aos quais esta linguagem arquitetônica está vinculada, neste sentido Moreira (2010) elenca de forma sintética os desafios aos quais os interventores estão sujeitos quando estes passam a intervir na arquitetura de viés modernista brutalista. São eles: a funcionalidade, seus materiais constituintes, o sistema de infraestrutura, a falta de uma manutenção permanente, a aceitação de sua pátina e o registro e tombamento das obras. Todos estes fatores foram levantados pelas cartas patrimoniais e devem ainda permanecer no âmbito das discussões contemporâneas para que se atinja o objetivo de propagar os valores destas obras visando sanar esta lacuna na história da preservação e restauro de bens culturais.

Após se ter avaliado as diretrizes das cartas patrimoniais que trazem como tema foco a autenticidade dos bens patrimoniais e definir o elenco de fatores aos quais a intervenção na arquitetura modernista está vinculada pode-se perceber que a grande questão que envolve a autenticidade e a preservação desta linguagem arquitetônica está justamente atrelada à falta de reconhecimento de seus valores intrínsecos. Sendo assim a seguir se faz a título de considerações uma reflexão sobre o real papel dos agentes interventores urbanos na preservação da autenticidade das obras modernistas brutalistas, pois como traz Amorim (2007) o pesar pela extinção de muitos de seus exemplares, seja pela sua supressão do cenário urbano ou por sua descaracterização, nos deixam órfãos de um passado que nem ao menos conseguimos conhecer a fundo.

4. O PAPEL DOS INTERVENTORES URBANOS: A TÍTULO DE CONSIDERAÇÕES

No intuito de finalizar esta reflexão e, de certa maneira, dar uma resposta ao questionamento sobre quais os limites entre intervenção e preservação da arquitetura modernista brutalista resgata-se novamente o importante papel dos agentes interventores urbanos. A dinamicidade à qual os espaços urbanos estão expostos deve conferir às ações de intervenção em patrimônio cultural um caráter de complacência de forma a aliar o desenvolvimento e a preservação dos valores da obra. O alerta mais uma vez é direcionado aos profissionais que atuam no campo da preservação de bens culturais no sentido de buscar sensibilizar a sociedade de forma geral bem como a comunidade acadêmica para a necessidade de se encontrar o equilíbrio nas obras de intervenção. Acredita-se que este equilíbrio será alcançado quando as ações forem alicerçadas no conhecimento, na investigação e na interpretação do bem, ações que antecedem a definição de valores.

Portanto, mais uma vez se destaca o papel dos patrimônios arquitetônicos que perpassam as dimensões urbanas quando agem de forma a dar sentido, a fundamentar o desenvolvimento histórico fortalecendo as relações de identidade do indivíduo com seu lugar. Os patrimônios passam a atuar como uma âncora que fixa o indivíduo ao seu lugar propagando e alimentando a memória coletiva. E, para que este fio condutor da história não se rompa entende-se que as intervenções em patrimônio cultural, nesta pesquisa com destaque na arquitetura modernista brutalista, estejam fundamentadas em posturas éticas que garantam a conservação dos atributos característicos da autenticidade das obras. E, na busca por esta fundamentação sugere-se que os agentes interventores se amparem no conhecimento e aprofundamento das questões teóricas e filosóficas que se materializam em obras arquitetônicas. Esta filosofia palpável deve ser levada em conta em toda forma de atuação em bens patrimoniais. Quando se traz a discussão sobre o papel social do arquiteto enquanto curador e propagador da memória coletiva alimentada pelos patrimônios arquitetônicos se deseja alertar para a manutenção da autenticidade destes ícones urbanos, pois os valores da arquitetura modernista atualmente estão carentes de um olhar mais apurado, não somente por parte do poder público como também pela própria classe dos arquitetos e da população em geral. Os limites entre a intervenção e a preservação perpassam esta postura ética dos profissionais, sendo assim esperasse ter alcançado o objetivo principal deste artigo que é trazer a discussão para o campo das possibilidades de se harmonizar ações de intervenção, manutenção de características autênticas e a preservação dos valores intrínsecos das obras modernistas brutalistas. E, parafraseando Luis Amorim (2007) desejamos que “estas mortes deixem de nos perseguir”.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. **Cor e cidade histórica, estudos cromáticos e conservação do patrimônio**. Cidade do Porto: FAUP, 2005.
- AMORIM, L. **Obtuário arquitetônico: Pernambuco modernista**. Recife: Luiz Amorim, 2007.
- BASTOS, M. A. J.; ZEIN, R. V. **Brasil: Arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CURY, I. (org.). **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- FEIBER, F. N.; MARCON, G. R. S. ZILLMER NETO, N. N. **Arquitetura Brutalista de Cascavel: referencial cultural e patrimônio histórico**. Anais do 7º ECCI, 2007.
- FEIBER, S. D. **O Lugar: vivências e significados**. Cascavel: ASSOESTE, 2008.
- FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em Processo**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 2005.
- KÜHL, B. M. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização, problemas teóricos de restauro**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2008.
- LIRA, F. B. Por uma Agenda de Discussões sobre a Conservação da Arquitetura Moderna. **I Seminário da Rede Conservação BR**. Recife, 2012.
- MARTINS, C. A. F. **Neoplasticismo na pintura e na arquitetura: Piet Mondrian**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- MOREIRA, F. D. **Os Desafios postos pela Conservação da Arquitetura moderna**. Texto para Discussão V. 46; Série 02: Gestão de Restauro. Olinda: CECI, 2010.